

UM TRADUTOR DE LATIM SOB D. PEDRO II:
PERSPECTIVAS PARA A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO DA
LITERATURA GRECO-ROMANA EM PORTUGUÊS

*A Latin translator under D. Pedro II: perspectives
towards a history of translation of Ancient Greek
and Roman Literature into Portuguese*

Brunno V. G. Vieira*

Desde o resgate das traduções de Odorico Mendes (1799-1864) levado a cabo por Haroldo de Campos (1970, 1992, 1999, 2003), Antônio Medina Rodrigues (HOMERO, 1992) e, mais recentemente, por Paulo Sérgio de Vasconcellos, que coordenou um trabalho de compilação, atualização ortográfica, notas e comentários das *Bucólicas* e da *Eneida* odoricanas (2007, 2008), vem se consolidando um legítimo interesse em construir uma história da tradução dos clássicos greco-romanos em português. Importa, no entanto, atinar que, se o caso de Odorico Mendes é exemplar dessa área de estudos, não é único.

Uma vez que essa história da tradução em nossa língua ultrapassa os limites geográficos de Brasil-Portugal e, por isso mesmo, trata-se de um resgate da recepção *lusófona* dos autores greco-romanos, há que se citar recentes reedições brasileiras de traduções do séc. XVIII e XIX, tais como, respectivamente, os excertos das *Metamorfoses* de Ovídio vertidos por Bocache (OVÍDIO, 2007) e a tradução integral da *Eneida* de Virgílio a cargo do camonista português José Victorino Barreto Feio (VIRGÍLIO, 2004), ambas

* Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Campus Araraquara.

obras dignas representantes da valorização desse resgate pelo mercado editorial brasileiro.

Em contribuição a essa história das traduções lusófonas de clássicos greco-romanos, apresento neste artigo alguns resultados de um estudo que tem procurado inventariar, estudar e divulgar o legado de José Feliciano de Castilho (1810-1879) como tradutor de latim¹. Face à multiplicidade de tratamentos que se abrem diante do estudo de práticas tradutórias precedentes, divido este artigo em duas partes. Na primeira delas, busco mostrar a importância da obra tradutória desse homem de letras para a compreensão da cena literária brasileira do Segundo Reinado. Na segunda parte deste artigo, destaco a importância da História da Tradução para as práticas transláticas contemporâneas, apontando como se dá minha leitura tradutória das versões de Lucano levadas a cabo por Castilho José.

O CONTEXTO E A OBRA DE JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha – que assinava também Castilho José ou José Feliciano de Castilho – chegou ao Rio de Janeiro em 1847 e viveu nestes trópicos até 1879, ano de seu falecimento. Era jornalista com atuação marcante na cena literária e política imperial – haja vista seu papel como editor e redator da revista *Íris* e a polêmica que travou com José de Alencar nas páginas do periódico *Questões do Dia*² –, mas também, polígrafo que foi, desenvolveu trabalhos como filólogo e latinista. Procedia de uma família preclara, tendo por irmão de Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), o grande vate do Romantismo em Portugal.

Entre as obras desse ilustre luso-brasileiro – como o denominou Hélio Vianna (1950, p. 465) – convém destacar no âmbito filológico a edição dos “excerptos” de Fernão Mendes Pinto (1865)³, João de Lucena (1868) e de Bocage; este último em três volumes, que comportam também um longo

¹ Trata-se de um projeto de pesquisa individual que pertence à linha de pesquisa “Tradução e Recepção de Textos Antigos” do Grupo Linceu – Visões da Antiguidade Clássica/CNPq. Este projeto de Pesquisa contou com apoio da FAPESP.

² Castilho José havia se desentendido com José de Alencar quando se colocou a favor da “Lei do Ventre Livre” proposta pelos partidários do imperador D. Pedro II, lei contra a qual Alencar se opunha. As diferenças no campo político-partidário chegaram ao fórum das letras como se pode constatar pelas polêmicas cartas publicadas no decorrer dos 40 números do periódico *Questões do dia* (agosto/1871 até fevereiro/1872), editado por Lúcio Quinto Cincinato, pseudônimo de Castilho José: “forçaram-me a trocar as políticas pelas literaturas” (CINCINATO, n. 19, p. 6).

³ Cf. os dados completos dessas publicações nas Referências Bibliográficas deste artigo.



FIGURA 1 - ILUSTRAÇÃO DE CASTILHO JOSÉ (DESMAISONS, 1861).

estudo biobibliográfico (1867); ressaltou-se também seu pioneirismo no campo da ecdótica, verificável em seus estudos sobre o exemplar de *Os Lusíadas* da biblioteca de D. Pedro II (redigido em 1848 e publicado em 1881) e sobre o Missal de Estevam Gonçalves (1874). No meio educacional, editou em 1860 a antologia escolar mais utilizada no Segundo Reinado, o *Íris Clássico* e, em defesa da ortografia etimológica pela qual propugnava, redigiu no mesmo ano *Ortografia portuguesa e missão dos livros elementares*.

Acolhido no círculo de amigos do imperador D. Pedro II, o filolatino Castilho José contribuiu ao lado de Simoni, Ramiz Galvão e Cardoso de Meneses para a divulgação da literatura clássica no Segundo Reinado⁴. Há testemunhos de saraus literários havidos nas dependências do Colégio

⁴ O italiano naturalizado brasileiro Luís Vicente de Simoni (1792-1881) lecionou Latim no Colégio D. Pedro II e dele constam na Biblioteca Nacional várias traduções manuscritas de autores latinos. Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938), o Barão de Ramiz, foi professor de grego no Colégio D. Pedro II e sua tradução do *Prometeu Acorrentado* foi reeditada por Haroldo de Campos e Trajano Vieira (ALMEIDA; VIEIRA, 1997, p. 255-286). João Cardoso de Meneses Sousa (1827-1915), o Barão de Paranapiacaba, possui publicadas duas versões do *Prometeu Acorrentado* feitas a partir de uma tradução literal de D. Pedro II (cf. PARANAPIACABA, 1906).

D. Pedro II com a presença do monarca, nos quais se reuniam alguns dos mais destacados literatos, por vezes, para declamar traduções e estudos de literatura clássica: o prefácio ao *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas do grego*, de Ramiz Galvão foi lido em uma dessas ocasiões (FLEIUSS, 1928, p. 896-7)⁵. Após 1863, Cardoso de Meneses dá testemunho de declamações da *Aululária* vertida por ele próprio e da *Farsália* traduzida por José Feliciano de Castilho (PARANAPIACABA, 1906, p. 39 e ss.) feitas no paço imperial em São Cristóvão. Sobre o caso específico da *Farsália* transcreve uma anedota sobre correções que o próprio monarca aludira ao tradutor:

Um verso, incluído na descrição do bosque de Marselha, fora assim vertido:

Um mudo horror as árvores abrange,

e ficou substituído pelo seguinte:

Soturno horror às arvores inere.

Na passagem:

Victrix causa Diis placcuit, sed victa Catoni,

assim interpretada por Castilho:

A causa vencedora aprouve aos Deuses,

E a vencida a Catão,

perguntou Dom Pedro II: “Não podia o hexâmetro latino ser vertido num só verso?”

“Não me foi possível (respondeu o tradutor). Vou tentá-lo e o senhor empregue os esforços para consegui-lo”. Frustrou-se, de parte a parte, a tentativa e permaneceu a versão em um verso e um hemistíquio portugueses (PARANAPIACABA, 1906, p. 40).

Como se pode perceber, Castilho José era uma figura eminente nos círculos literários da corte devido a seus apreciados dotes vernáculos e a, então, impactante influência de sua família: D. Pedro II valorizava os saberes clássicos, professando uma espécie de tardo-neoclassicismo que mantinha afinidades com a militância literária de Antônio Feliciano de Castilho. Possivelmente, além das benquerenças estéticas, os laços de sangue que ligavam os irmãos Castilho serviam estrategicamente para colocar o monarca e a literatura praticada sob sua égide em situação de evidência no ambiente literário Europeu.

Na verdade, as relações entre Antônio Feliciano de Castilho e o imperador se estreitaram em 1855, por ocasião da visita do poeta romântico às

⁵ O período em que ocorreram esses saraus é incerto. Cardoso de Meneses declara que foi por breve tempo (PARANAPIACABA, 1906, p. 40). O próprio Fleiuss assinala que ocorreram após 1852 (FLEIUSS, 1928, p. 896).

terras ultramarinas com vistas em divulgar o seu método de alfabetização, o então famoso *Método Castilho*. Nas suas conferências esteve presente o próprio imperador e, nesse período, há notícias de os dois terem se frequentado. O bardo lusitano lera ao imperador o drama *Camões* traduzido do francês, obra que lhe dedicara quando da primeira edição em 1849. O próprio vate português descreve o sarau em que leu a versão manuscrita da obra:

O primeiro ouvinte deste poema foi Sua Majestade Imperial, que na sua chácara de Santa Cruz teve a bondade de permitir se lesse inteiro, e de um só fôlego, na sua augusta presença; e, consintasse-me a gloriosa revelação, o honrou com reflexões, ao mesmo tempo de profundo juiz, e de protetor benévolo, permitindo a final que sob tal e tamanho nome, e auspícios tão faustos saísse, como saiu, e agora torna a sair, a público (CASTILHO, 1863, p. 96).

A afinidade entre os dois crescera a ponto de o monarca, depois, convidá-lo para a cadeira de Língua Portuguesa no colégio D. Pedro II, de que se escusou gentilmente o poeta.

Esse bom trânsito dos Castilho na corte de D. Pedro II proporcionou-lhes a publicação dos *Amores* (1858)⁶ e da *Arte de Amar* (1862)⁷, na tradução do Antônio e com comentários do José, curiosamente obras cuja reprodução na austera Europa era um tanto comprometedoras. Em relação à primeira delas, o comentador declara enfaticamente que a imprimiu sem autorização expressa do tradutor, embora lembre que a obra fora elaborada no Brasil no ano de 1855, quando da estadia de Castilho Antônio neste país. Essas traduções eram, independentemente do favor imperial, obras de qualidade alinhadas com os estudos e traslados ovidianos produzidos na Europa de então. Se considerarmos as publicações das traduções do maranhense Odorico Mendes, a saber, a *Eneida brasileira* em 1854 e o *Virgílio brasileiro* em 1858, editadas também com especial acuro, pode-se entrever o grau do classicismo em que mergulhavam nossas letras.

Afora essa empreitada no terreno da poesia lírica e didática, Castilho José entregou-se também à tradução da *Farsália*, de Lucano, da qual pude verificar a publicação de substanciais excertos em periódicos de aquém

⁶ Trata-se de uma monumental edição composta pela tradução – ou paráfrase, como os autores preferem chamá-la – de Antônio Feliciano de Castilho em 3 volumes e pela “Grinalda Ovidiana” redigida por Castilho José, um compêndio de notas, comentários e referências intertextuais de Ovídio que perfaz um total de 8 volumes, 785 páginas (cf. OVÍDIO, 1858).

⁷ Edição composta por três volumes, dos quais o primeiro traz a tradução de Antônio Feliciano de Castilho e os dois seguintes a *Grinalda da Arte de amar*, à semelhança daquela dos *Amores*, um compêndio de comentários, anotações e traduções de poesia clássica (OVÍDIO, 1862).

e além-mar. Aqui vieram a lume o Canto I, publicado integralmente no *Diário Oficial do Império do Brasil*, em dezembro de 1864, e o Canto VI, que saiu no *Diário do Rio de Janeiro*. Em Lisboa, a *Farsália* teve acolhida na *Revista Contemporânea Portugal-Brasil* que deu a versão integral do canto VII (1864) e no *Arquivo Pitoresco*, cujo exemplar datado de 1862, mas publicado também em 1864, trouxe a metade do canto X.

Para se ter uma ideia da influência exercida por essas edições castilhanas, a *Grinalda Ovidiana* recebeu elogios do romancista Joaquim Manuel de Macedo no necrológio que dedica a Castilho José, seu confrade no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

Na *Grinalda Ovidiana*, apêndice à paráfrase dos *Amores*, José Feliciano revelou-se latinista de profundo conhecimento da língua de Cícero, de Horácio, de Virgílio e de Plutarco [*sic*]; foi feliz demais na mestria com que reproduziu completas, vivas, no português, as frias belezas de Ovídio, que, desterrado no Ponto, oferecia ao ótimo e ilustrado tradutor o maravilhoso tesouro das mais enlevadoras e sublimes melancolias e saudades do poeta no seu livro das tristezas, os *Tristes*" (MACEDO, 1879, p. 312).

Pinheiro Chagas já em 1866 conclamava a urgência de uma publicação em separado das traduções latinas que aparecem nas suas *Grinaldas*:

Tanto na *Grinalda dos Amores*, como na *Grinalda da Arte de amar*, encontro belíssimos excertos de traduções de outros clássicos romanos; parece-me que, com pouco mais de trabalho, o senhor José Feliciano de Castilho podia seguir o exemplo de seu irmão, e dar-nos as traduções completas de Marcial, de Juvenal e de Lucano, cujos fragmentos encontra o leitor dispersos e escondidos em volumes de notas (CHAGAS, 1866, p. 117).

Infelizmente, esse desejo de Chagas encontra-se frustrado até o presente. Em meados do séc. XX, tanto os *Amores* quanto a *Arte de Amar* mereceram reedição, mas apenas com o texto da tradução de Antônio Feliciano de Castilho. As fartas anotações de Castilho José e as inúmeras versões portuguesas ali encontradas foram ignoradas por completo (cf. OVÍDIO, 1945). Na década de 1990, houve uma reedição – novamente apenas da tradução – da *Arte de Amar*, que contou em seu Prefácio com uma avaliação bastante positiva da versão castilhana, a cargo da classicista Zelia de Almeida Cardoso (cf. OVÍDIO, 1992).

Além de Macedo e Chagas, Machado de Assis ao se referir a Castilho José denota um misto de respeito e admiração⁸. Mais de uma vez em sua obra nosso maior literato elogia esse luso-brasileiro por seu valor como tradutor e latinista, mormente por seu trabalho com a obra de Lucano. Em crônica de 1865, diz Machado: “os leitores desta folha [*Diário do Rio de Janeiro*] tiveram ocasião de apreciar a formosíssima tradução de um canto da *Farsália* de Lucano, feita pelo sr. conselheiro José Feliciano de Castilho” (ASSIS, 2008 [V. 4], p. 235). Em conto apócrifo de 1873, o narrador presta-lhe referência: “o que me trouxe à memória aqueles versos de Lucano que o Sr. Castilho José nos deu magistralmente assim: ‘Nos altos, frente a frente, os dou caudilhos,/ sôfregos de ir-se às mãos, já se acamparam’” (ASSIS, 2008 [V. 2], p. 1196). Finalmente em crônica de 1894, Machado, novamente citando os versos do início do canto sexto, evoca a lembrança de Castilho José com o epíteto: “finado sabedor de coisas latinas” (ASSIS, 2008 [V. 4], p. 1086).

Diante do mecenato exercido pelo imperador e da recepção do trabalho de Castilho José por grandes influentes literatos de Portugal e Brasil, não resta dúvida que o estudo e a divulgação de sua obra tradutória pode trazer contribuições relevantes para uma visão crítica da literatura do séc. XIX. Atualmente desconhecemos quase por completo os responsáveis pela manutenção da tradição clássica nesse período tanto no magistério quanto no campo tradutório. Salvo uma ou outra figura mais afortunada, como é o caso do hoje reconhecido Odorico Mendes, jazem no esquecimento os homens que apregoavam nas escolas, livros e jornais os saberes clássicos.

O caso de Machado de Assis é exemplar. Se, ao que parece⁹, ele não lia obras no original latino ou grego, paira uma espécie de bruma sobre as fontes de bordões, figuras mitológicas e excertos de literatura greco-romana que figuram em seus textos. Evidentemente havia um largo acesso à tradição francesa representada na época por coleções como as editadas pelas casas Panckoucke, Lemaire e Garnier – esta última cuja presença na biblioteca machadiana pode ser verificada (cf. MASSA, 2001) –, mas havia também uma incipiente e influente produção local (brasileira ou luso-brasileira) que importa, como no caso de José Feliciano de Castilho, subtrair ao negligente olvido.

Embora José Paulo Paes, em “A tradução literária no Brasil”¹⁰, ao tratar da tradição francesa chegue a declarar que “a influência das traduções

⁸ Na tese de Marcelo Sandman, as relações entre os Castilho e Machado merecem um especial destaque, em que se ressalte a original contribuição sobre a sua influência na famosa Questão Coimbrã (SANDMAN, 2004).

⁹ Na lista de línguas que Machado conhecia constam “o alemão, o espanhol, o francês, o inglês e o italiano” (MASSA, 2008, p. 47). Convém ressaltar que uma interpretação mais aguçada do “domínio” greco-romano na obra machadiana ainda está por se fazer.

¹⁰ Capítulo que pode ser considerado uma brevíssima história da tradução literária no Brasil.

sobre a literatura criativa brasileira é limitada” (PAES, 1990, p. 10), ousou dizer que o destaque concedido por Machado de Assis a tradutores como Odorico Mendes¹¹, José Feliciano de Castilho, Antônio Feliciano de Castilho¹² e a respectiva frequência de autores como Virgílio, Lucano e Ovídio na sua literatura criativa não nos dão subsídios a considerá-los comodamente como “influência limitada”.

Diante disso convém lembrar a fecundidade desse tipo de estudo para se pensar as dinâmicas literárias do Segundo Reinado. Refiro-me a questões teóricas levantadas por estudiosos da História da Tradução como Lefevere (2007). No que toca à influência do domínio greco-romano, é seara praticamente intacta a reflexão sobre suas raízes profundas nas letras brasileiras daquela época. Questões fundamentais como escolhas temáticas e formais impostas pelo sistema literário então vigente – que propiciaram uma espécie de tardo-neoclassicismo – permanecem parcamente exploradas.

Conforme procurei demonstrar através desse breve panorama sobre o contexto e sobre a produção de Castilho José, não resta dúvida que o estudo de sua obra tradutória e filológica pode revelar interessantes clareiras sobre a superveniência do legado greco-romano colocado em circulação por ele. Dar publicidade a essas obras constitui um trabalho de arqueologia dos saberes clássicos do nosso passado literário e seu estudo, como já empreendi no caso de Machado de Assis (VIEIRA, 2009a) e no da poesia erótica (VIEIRA, 2009b), pode revelar como os textos traduzidos contribuíram para a sedimentação de tendências literárias do Segundo Reinado. Por outro lado, esse levantamento de traduções propicia um trabalho de garimpo – a metáfora da mineração não é vã – de matrizes tradutórias que possam servir de paradigma aos contemporâneos exercícios de tradução dos autores antigos. Isto é o que abordarei a seguir.

O PARADIGMA TRADUTÓRIO DE CASTILHO JOSÉ

Em um artigo de 2006, “Contribuições de Haroldo de Campos para um programa tradutório latino-português”, chamei atenção para um elemento crucial da prática translática haroldiana, qual seja, a importância dada à história da tradução de um texto para a constituição de sua versão contem-

¹¹ Cf. Crônica de 27/09/1864: “Odorico Mendes é uma das figuras mais imponentes de nossa literatura. Tinha o culto da antiguidade, de que era, aos olhos modernos, um intérprete perfeito” (ASSIS, 2008 [V. 4], p. 195).

¹² “Longa foi a vida do Visconde de Castilho [...] tradutor exímio de Ovídio, Virgílio e Anacreonte, de Shakespeare, Goethe e Molière” (ASSIS, 2008 [V. III], p. 1215).

porânea. Naquela ocasião tratava do uso paradigmático do mito de Narciso ovidiano vertido por Antônio Feliciano de Castilho na constituição do episódio da “Morte de Narciso”, cuja primeira versão saiu na *Folha de São Paulo* em 1994. Depois disso, Haroldo de Campos, na sua colaboração ao livro *Três tragédias gregas* organizado por Trajano Vieira, ao falar dos *Prometeus* do Barão de Paranapiacaba (Cardoso de Menezes) e de Ramiz Galvão – feitos a partir de uma tradução literal do Imperador D. Pedro II – propugna de modo mais evidente pelo uso de traduções de antiga cepa:

[Elas possuem] um veio nem sempre ostensivo, mas tão vigoroso em sua latência clássico-árcade-odoricana, que o tradutor superveniente acaba sendo tangido por uma dicção já “preformada”, preconstituída com êxito no exercício tradutório que o precede e lhe serve de paradigma (CAMPOS, 1997, p. 248).

Essas ideias de Haroldo de Campos refletem algumas das contemporâneas concepções da História da Tradução. Berman em *A prova do estrangeiro* já havia sinalizado esse caminho quando escreveu, exemplificando depois sua formulação com o trabalho poético, crítico e tradutório de Pound: “a constituição de uma história da tradução é a primeira tarefa de uma teoria moderna de tradução. Toda modernidade institui não um olhar passadista, mas um movimento de retrospectação que é uma compreensão de si” (2002 [1984], p.12).

Venho traduzindo a obra de Lucano há pelo menos 10 anos e, conjuntamente ao trabalho com o texto latino, tenho empreendido desde então uma busca por um cânone mínimo de Lucano em português. Foi nesse trabalho de coleção da tradição lucaniana lusófona que me deparei com Castilho José que, como ninguém antes dele, havia tomado para si a tarefa de divulgar a *Farsália* em versão poética portuguesa. Ele oferece um projeto tradutório consistente e, possivelmente, pode reencenar aos tradutores de Lucano o papel que tiveram Odorico Mendes e Antônio Feliciano de Castilho nas traduções haroldianas de Homero e Ovídio respectivamente.

Se minha intenção pontual foi a busca de uma versão “pré-formada” de Lucano para alicerçar meu projeto de tradução da *Farsália*, vale dizer algo sobre o método que privilegio na interpretação desse exercício tradutório precedente. Está fora de questão a imposição de um modo “certo” de traduzir. Ao contrário, o que está em jogo é um exercício de conhecimento das diferentes modulações que um texto pode alcançar, quando trabalhado por tradutores de diferentes épocas, estilos e concepções transláticas. Essa é a via teórica apontada em livro recente de Peter Burke que valoriza o estudo das “culturas de tradução”. É tarefa do historiador da tradução

situar esses textos em seu contexto cultural, incluindo os sistemas ou “regimes” de tradução prevalentes nesse período – em outras palavras, as regras, normas ou convenções que governavam sua prática, tanto os fins (ou “estratégias”) como os meios (as “táticas” ou “poéticas”) (BURKE, 2009, p. 17).

Na interpretação dos traslados de Castilho José, creio que é mister enfocar o projeto de tradução constituído e interpretá-lo à luz de seu próprio contexto cultural. Evidentemente todo trabalho tradutório é constituído de ganhos e perdas, sendo esses sempre subordinados ao ponto de vista do crítico. Mas as reflexões de Burke me fazem pensar que em um estudo de caráter histórico isso não pode assumir a primazia.

Castilho José na *Grinalda ovidiana*, tratando dos diferentes modos de traduzir usados por Castilho Antônio, enumera três espécies de versões: “umas são traduzidas com fidelidade, outras livremente, outras copiosamente parafraseadas” (CASTILHO, 1858, p. 183). Entendo que se pode chegar a uma oposição entre as fiéis e as parafraseadas, já que “livremente” e “copiosamente” são modulações desta última. É interessante que a definição de fidelidade e de paráfrase é pautada pela citação de Cícero (os destaques são de Castilho José):

Non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed GENUS omnium verborum, VIMQUE servari. Non enim ea me ANNUMERARE lectori putavi oportere, sed tanquam APPENDERE (CICERO, De opt. gen. oratorum 5, apud OVÍDIO, 1858, p. 183)¹⁵.

Ora, pelo que posso interpretar dos grifos, a paráfrase é aquela em que o “estilo” e a “força expressiva” do texto de partida são recriados não de modo a traduzir palavra por palavra (*annumerare*), mas como a balancear em vernáculo o jogo de forma e sentido encontrado no poema estrangeiro. A considerar esses termos Castilho José segue bem de perto o original latino pendendo pela literalidade, não obstante algumas vezes siga a tendência parafrástica que celebrizou seu irmão Antônio Feliciano de Castilho. Verte com a majestade épica condizente ao “estilo” (*genus*): seu vocabulário é variado e castiço; sua versificação portuguesa sempre exata e fluente.

Vale a pena transcrever um longo trecho do helenista Antônio José Viale que, com perspicuos exemplos, caracteriza as maneiras de traduzir em voga:

¹⁵ “Não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o ESTILO das palavras e sua FORÇA EXPRESSIVA. Não julguei que fosse apropriado CONTABILIZAR as palavras para o leitor, mas como que SOPESÁ-LAS” (minha tradução).

A leitura das diferentes traduções do trecho homérico [*a despedida de Heitor e Andrômaca*] acima transcritas servirá para se fazer alguma ideia dos diversos sistemas de versão poética adotados pelos trasladadores dos clássicos antigos para línguas vulgares. Parece-me que tais tradutores podem dividir-se nas classes seguintes: *Fidelistas* (releve-se a inovação da palavra), *parafrastas*, e *semi-fidelistas semi-parafrastas*. [...] A citação de alguns nomes tornará ainda mais manifesto o sentido da classificação. Chamo *fidelistas*, por exemplo, o italiano *Salvini*, os castelhanos *Maio* e *Peres*, o alemão *Voss* como tradutores de *Homero*; o dr. *Antônio Ribeiro dos Santos* na versão do passo do VI canto da *Iliada* que deixo copiada, e na das odes de *Horácio*. Denomino *parafrastas*, *Xavier Mattei*, como tradutor dos salmos, *Pope* e *Rochefort*, como tradutores dos poemas homéricos, *Annibal Caro* e o nosso João Franco Barreto, como trasladadores da *Eneida*. Finalmente contemplo como *semi-fidelistas semi-parafrastas*, porém mais chegados aos *fidelistas* que aos *parafrastas*, *Monti* e *Pindemonte* tradutores, aquele da *Iliada*, este da *Odisseia*, *Bondi* na tradução da *Eneida*; o nosso elegantíssimo e mimosíssimo vate, o sr. dr. *Antonio Feliciano de Castilho*, na sua tradução das *Metamorfoses* e dos *Fastos* de *Ovídio* [...] (já na das *Odes anacreônticas* e na das *Geórgicas*, se me figura mais *parafrasta* que *fidelista*, porém sempre admirável) o sr. conselheiro *José Feliciano de Castilho* na sua versão poética da *Farsália* do *Lucano* (VIALE, 1868, p. 145).

Guiado por essa perspectiva, apresento um excerto do início do Canto X para exemplificar o trabalho desse tradutor e, em seguida, ensaio uma breve interpretação da versão, concluindo com uma espécie de crítica via tradução em que exponho como se dá minha leitura tradutória de Castilho José.

É sabido que o canto final da *Farsália* mostra a chegada de César ao Egito e sua visita ao túmulo de Alexandre (X, 1-52). Num esplêndido banquete (X, 104-171), em que tem lugar um longo simpósio sobre as fontes do Nilo (X, 172-331), ele é cooptado por Cleópatra a ajudá-la na disputa pelo trono egípcio. O desentendimento entre Cleópatra e seu irmão Ptolomeu faz com que as tropas de César sejam atacadas pelos partidários desse último e os romanos terminam encurralados no porto de Faros (X, 332-546). Tomo a descrição do palácio de Cleópatra como passagem ilustrativa:

Ares de templo,
e templo quais depois só pôde alçá-los
depravação do luxo, ostenta a sala.
Que riqueza no teto artesoado!
Esconde oiro maciço as arquitraves!
As paredes de mármore por dentro
vão revestidas d'ágatas, de sárdios,

alvipurpúrea mescla! Os pavimentos,
 o que se calca aos pés, são cornelinas!
 São d'ébano de Méroe as vastas portas,
 não folhadas, mas sólidas! O ébano,
 robustece adornando a régia estância!
 Veste os átrios marfim! Os limiães
 Índica tartaruga, em cujas malhas
 viçosas esmeraldas se embutiram!
 Veem-se alfaias de jaspe loirejante!
 Aos toros para a mesa engastam gemas,
 finas, variadas, nítidas! Afofam-nos
 colchões, coxins, de Tíria grã retintos;
 uns, d'áureas plumas recamados; outros,
 ao costume Egíptico, entretecidos
 com dobrado escarlata, assombro d'olhos!
 (CASTILHO, 1862, p. 293)¹⁴

Assumindo como *semifidelista semiparafrasta* o método tradutório de Castilho José, note-se que a variedade vocabular do original recebe do tradutor um tratamento igualmente vário em que pese o solene do matiz antigo de palavras como “artesoado”, “estância”, “oiro”, “loirejante”, “coxins”, “Egíptico” e o camoniano “escarlata”. Ao invés das designações mais comuns das pedras preciosas, geralmente, decalques de termos latinos, há preferência por termos vernáculos: o vocábulo *purpureus lapis*, geralmente tido por pórfiro (*porphyritus lithos*), é traduzido por “sárdio”, uma pedra igualmente vermelha; *onyx*, “ônix”, é adaptado por “cornelina”, que tem um tom acinzentado semelhante.

O decassílabo de Castilho tem um ritmo escorreito, mesmo quando o tradutor se reveste de concisão como em “vastas portas/ não folhadas, mas sólidas” – que verte com bela economia *vastos/ Non operit postes, sed stat pro robore vili* – e em “colchões, coxins, de Tíria grã retintos”, *Tyrio quorum pars maxima fuco/ cocta diu, virus non uno duxit ahen*, onde o prefixo *re-* de “retintos” acaba por se constituir equivalente da porção de verso que vai de *virus* a *aheno*. Convém notar também alguns acréscimos do tradutor

¹⁴ Transcrevo aqui o texto latino constante na edição da Panckoucke (cf. LUCAIN, 1836, *Op. Cit.*) que até onde pude averiguar serviu de fonte a Castilho José: X, 112-26: *Ipsa locus templi, quod vix corruptior aetas/ Extruat, instar erat: laqueataque tecta ferebant/ Divitias, crassumque trabes absconderat aurum./ Nec summis crustata domus, sectisque nitebat/ Marmoribus; stabatque sibi non segnis achates./ Purpureusque lapis; totaque effusus in aula/ Calcabatur onyx: ebenus Mareotica vastos/ Non operit postes, sed stat pro robore vili/ Auxilium, non forma domus: ebur atria vestit./ Et suffixa manu foribus testudinis Indae/ Terga sedent, crebro maculas distincta smaragdo./ Fulget gemma toris, et iaspide fulva supellex:/ Strata micant; Tyrio quorum pars maxima fuco/ Cocta diu, virus non uno duxit ahen:/ Pars auro plumata nitet; pars ignea cocco,/ Ut mos est Phariis miscendicia telis.*

“alvipurpúrea mescla”, que parafaseia a etimologia de pórfito do grego *porphúra*, isto é, “púrpura”; a enumeração das qualidades das gemas em “finas, variadas, nítidas”, num passo em que o tradutor, buscando explicar que os “toros” – ou seja, os antigos “leitos” – serviam de mesa, acaba expandindo as qualidades das pedras já que a frase latina dizia *fulget... gemmas*, ou seja, “brilha as pedrarias”.

A sonoridade dos versos de Castilho José também merece destaque. Note-se pela eufonia das construções a seguir que a preocupação com o som dos versos rege as escolhas do tradutor: TEto/arTEsoado; oIRO maçIço as arquItraves; CaLCa aos pÉs/ CornELinas; Ébano de MÉroe; ÁtRIos MARfIm/ IIMiARes; tartarUGa /em cUjAs; Jaspe/loireJante; MESAs/gEMAS. A expressão final “assombro d’olhos” – um acréscimo que completa o último decassílabo do excerto – compõe um engenhoso jogo aliterante e assonante em relação ao primeiro hemistíquio “coM DoBRado escarLata”.

Fica, então, como gesto final desta minha análise – e do artigo – meu ensaio tradutório a partir da versão de Castilho José, um tradutor de Latim da corte de D. Pedro II:

A um templo, que alçariam só mais depravadas
eras, lembra o lugar. Tesouros ostentava
o teto, e recamava as arquitraves o ouro.
Não fino e recortado mármore refulgia
a sala; a não inútil ágata e a purpúrea
pedra a si mesmas arrimavam. De ônix era
o chão. Vastos batentes o ébano de Méroe
não só folheava, mas, no lugar do vil robre,
era viga, não garbo. O marfim veste os átrios.
De índica tartaruga cascos cravejados
de esmeraldas à mão se assentam nos portais.
Fulgem nos leitos jóias, cora o jaspe os móveis.
Brilha a tapeçaria – a maior parte dela
em Tíria cor retinta, não uma só vez.
Aqui reluz ouro em brocados; ali, à egípcia,
ígneo escarlata é entretecido com fios mistos.

AGRADECIMENTOS

À Biblioteca Nacional e ao Real Gabinete Português de Leitura pela cessão de material bibliográfico e pelo amigável tratamento dispensado na minha viagem ao Rio de Janeiro para recolha de dados em julho de 2009. À Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de São Paulo por ter proporcionado

apoio financeiro ao projeto. À Faculdade de Ciências e Letras da UNESP que autorizou meu afastamento e aos servidores da Biblioteca dessa instituição que não mediram esforços para dar condições ao desenvolvimento do trabalho.

RESUMO

Apresento neste artigo alguns resultados de um estudo que tem procurado inventariar, estudar e divulgar o trabalho de José Feliciano de Castilho (1810-1879) como tradutor de Latim. Face à multiplicidade de tratamentos que se abrem diante do estudo de práticas tradutórias precedentes, divido este artigo em duas partes. Na primeira delas, busco mostrar a importância da obra tradutória desse homem de letras para a compreensão da cena literária brasileira do Segundo Reinado. Na segunda parte deste artigo, destaco a relevância da História da Tradução para práticas transláticas contemporâneas, apontando como se dá minha leitura tradutória das versões de Lucano levadas a cabo por Castilho José.

Palavras-chave: *José Feliciano de Castilho; História da Tradução; Lucano; Ovídio.*

ABSTRACT

In this paper I present some results of a study that seeks to catalog, study and publicize the work of José Feliciano de Castilho (1810-1879) as Latin translator. Faced with several approaches that precedent translating practices could open, this paper is divided in two parts. In the first, I intent to show the importance of Castilho's translation work to understand the Brazilian literary scene in the "Segundo Reinado". In the second part of the paper, I emphasize the value of Translation History to contemporary translating practices, by showing how is done my translation reading of Lucan's Portuguese text by Castilho José.

Keywords: *José Feliciano de Castilho; Translation History; Lucan; Ovid.*

REFERÊNCIAS

Imagem de Castilho José

DESMAISONS, E. J. F. de Castilho. 1 gravura: litografia, p&b; 18,5x15,5 cm. Paris: Imp. Lemerrier: 1861. Disponível em: <<http://purl.pt/5638>>. Acesso em: 06/04/2008.

Obras de Castilho José

CASTILHO, J. F. A “Farsália” de Lucano: livro VII, A Batalha de Farsália. *Arquivo Pitoresco*. Lisboa, v. VII, p. 198-200, 206-207, 214-216, 222-224, p. 231-232, 1864.

_____. Cesar no Egypto: excerpto da tradução inedita da “Pharsalia” de Lucano – Princípio do livro X. *Revista Contemporânea de Portugal e Brazil*. Lisboa, v. IV, p. 289-296, 467-472, 1862.

_____. (Org.) *Íris. Periódico de Religião, Belas-Artes, Ciências, Letras, História, Poesia, Romance, Notícias e Variedades*. Periodicidade quinzenal. Volumes disponíveis na Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, anno I, n. 1, 15 de fevereiro de 1848/ anno II, n. 27, 30 de junho de 1849 (num total de 27 fasc.).

_____. *Estudo sobre o Missal de Estevam Gonçalves*. Rio de Janeiro: Tip. Americana, 1874.

_____. Memória sobre o exemplar dos “Lusíadas” da biblioteca particular de S. M. o Imperador. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, n. 8, p. 2-38, 1881.

_____. (Org.) *Íris clássico*. Rio de Janeiro: Tip. Univ. de Laemmert, 1860.

_____. (Org.) *Fernão Mendes Pinto. Excerptos, seguidos de uma notícia sobre a sua vida e obras um juízo crítico, apreciações de belezas e defeitos, e estudos de língua*. Rio de Janeiro: Garnier, 1865.

_____. (Org.) *Manuel Maria du Bocage. Excerptos seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras, um juízo crítico, apreciações de belezas e defeitos, estudos de língua*. Rio de Janeiro/ Paris: Garnier/ A. Durand, 1867.

_____. *Ortografia portuguesa missão dos livros elementares*. Rio de Janeiro: Tip. e Livr. B. X. Pinto de Sousa, 1860.

_____. “Farsália”: canto I. *Diário oficial do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, n. 256, p. 3/ n. 257, p. 3/ n. 260, p. 3-4, 1864.

_____. Poema de Lucano, traduzido em português. “Farsália”, canto VI. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 297, p. 2/ n. 299, p. 2, 1864.

CINCINATO, L. Q. (Ed.) *Questões do dia: observações políticas e literárias*. Rio de Janeiro: Tip. Imparcial, 1871. Tomo I e II.

OVÍDIO. *Arte de amar de Publio Ovidio Nasão*. Tradução de A. F. de Castilho seguida de comentários de J. F. de Castilho. Rio de Janeiro: Laemmert, 1862.

_____. *Os amores de P. Ovidio Nasão*. Paráfrase por Antonio Feliciano de Castilho, seguida pela Grinalda Ovidiana, por José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858.

Estudos e autores consultados

ALMEIDA, Guilherme de; VIEIRA, Trajano. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 255-286.

ASSIS, M. de. *Obra completa em quatro volumes*. Orgs. LEITE NETO, A.; CECÍLIO, A. L.; JAHN, H. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

BERMAN, A. *A prova do estrangeiro*. Tradução de: M. E. P. Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

BURKE, P. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: _____; HSIA, R. P. *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de R. Maioli dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 13-44.

CAMPOS, H. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. *Metalinguagem*. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 21-38.

_____. *Ilíada de Homero*. São Paulo: Arx, 2003. 2 v.

_____. *Metamorfose: a morte de Narciso. Folha de S. Paulo*. Caderno Mais, 21 ago. 1994.

_____. O Prometeu dos barões. In: ALMEIDA, G.; CAMPOS, H.; TRAJANO, V. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 231-253.

_____. Odorico Mendes: o patriarca da transcrição. In: HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Odorico Mendes e ed. de A. M. Rodrigues. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1992. p. 11-14.

_____. Transcriber Homero: desafio e programa. In: *Os nomes e os navios: Homero – Ilíada II*. Org., introdução e notas de Trajano Vieira. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

CASTILHO, A. F. de. *Camões*. 2. ed. Coimbra: Tip. Franco-Portuguesa, 1863.

CHAGAS, P. *Ensaíos críticos*. Porto: Typographia Commercial, 1866.

FLEIUSS, M. D. Pedro II e as letras pátrias. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v. 98 n.152, p. 894-903, 1928.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de: Odorico Mendes e ed. de A. M. Rodrigues. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1992.

LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Bauru: EDUSC, 2007.

LUCAIN, M. A. *Pharsale: livres VI-X*. Tradução de: M. J.-J. Courtaud-Diverneresse. Paris: Panckoucke, 1836.

MACEDO, J. M. de Discurso. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v. 42, n. 59, p.307-314, 1879.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001. p. 38-40.

_____. *Machado de Assis tradutor*. Tradução de: Oseias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MENEZES, R. de. *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

OVÍDIO. *Arte de amar*. Prefácio de Z. de A. Cardoso, Tradução de: N. Correia e D. Mourão-Ferreira, apêndice com a tradução erudita de A. F. Castilho. São Paulo: Ars poetica, 1992.

_____. *Metamorfoses*. Tradução de: Bocage, introdução e edição de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2007.

_____. *Obras* (Os fastos, Os amores, A arte de amar). Tradução de: A. F. Castilho. São Paulo: Cultura, 1945.

_____. *Os fastos*. Tradução de: A. F. Castilho. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1862.

PAES, J. P. A tradução literária no Brasil. In: _____. *Tradução a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990. p. 9-31.

PARANAPECABA, B. de. Prometeu acorrentado: parte II. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Tomo LXVIII, 1906.

PERDIGÃO, H. *Dicionário Universal de Literatura*. Porto: Portucalense, 1934.

SANDMAN, M. *Aquém-Além-Mar: presenças portuguesas em Machado de Assis*. 490 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

VASCONCELLOS, P. S. Contribuições à reapreciação crítica da Eneida de Odorico Mendes. *Phaos*, Campinas, n. 1, p. 171-186, 2001.

VIALE, A. J. *Miscelânea helênico-literária*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1868.

VIANNA, H. Um intelectual português na corte de D. Pedro II: José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. *Brasília*, Coimbra, v. 5, p. 465-485, 1950.

VIEIRA, B. V. G. Contribuições de Haroldo de Campos para um programa tradutório latino-português. *Terra Roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários*. Londrina, v. 7, p. 80-88, 2006.

_____. José Feliciano de Castilho e a clâmide romana de Machado de Assis. *Machado de Assis em linha*, v. IV, p. 1-16, 2009a.

_____. Recepção da poesia erótica latina no séc. XIX: José Feliciano de Castilho e sua edição dos AMORES, de Ovídio. *Nuntius Antiquus*, v. IV, p. 71-81, 2009b.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução de: M. O. Mendes. Ed. anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia (SP): Ateliê Editorial; Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2008a.

_____. *Eneida*. Tradução de: J. V. Barreto Feio e J. M. da Costa e Silva. Introdução e edição de P. S. Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Eneida brasileira: tradução poética da epopeia de Públio Virgílio Maro*. Org. P. S. Vasconcellos et al. Tradução de M. O. Mendes. Campinas: Editora da Unicamp, 2008b.

Submetido em: 22/03/2010

Aceito em: 26/07/2010

